





# **O HOMEM FATAL**



# NELSON RODRIGUES

---

## O HOMEM FATAL

SELECÇÃO E PREFÁCIO  
PEDRO MEXIA

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V I



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Obra publicada com o apoio do Ministério da  
Cultura do Brasil / Fundação Biblioteca Nacional.

As crónicas que compõem este volume foram seleccionadas  
a partir dos livros *O Óbvio Ululante* (1968), *A Cabra Vadia* (1970)  
e *O Reacionário* (1977), e originalmente publicadas no jornal  
*O Globo* entre Dezembro de 1967 e Julho de 1973.

© 2016, Espólio de Nelson Falcão Rodrigues  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt

[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *O Homem Fatal*  
Autor: Nelson Rodrigues  
Seleccção e prefácio: Pedro Mexia  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Setembro de 2016

ISBN 978-989-671-333-1  
Depósito Legal n.º 414058/16

# ÍNDICE

---

Aguda e crónica, <i>por Pedro Mexia</i>	II
Pirâmides e biscoitos	17
Uma banana como merenda	22
Onde estão os negros?	27
Sem amar, nem odiar	31
Apelo de uma fé perdida	35
Assim é um líder	39
Amoral como um bichinho de avenca	44
O septuagenário nato	48
Os jovens sem amor	52
O «jovem» monstro	56
Ama-se, trai-se, mata-se «pra frente»	60
O medo de parecer idiota	64
Dezoito quilômetros de mulher nua	69
O anti-Brasil	73
Cambalhotas do Otto	77
Hamlet nos bate a carteira	81
A fome do nordeste	85
Os falsos canalhas	89
Velhos espartilhos	93
Os que esquecem antes de amar	97
Os idiotas da objetividade	101

A viuvez de <i>sarong</i>	105
Um Corção jamais suspeitado	109
Jovens imbecilizados pelos velhos	113
O único negro do Brasil	118
Muito velho para andar de quatro	122
O enterro fluvial	127
A missa cômica	131
Bis, como na ópera	135
Os idiotas sem modéstia	139
Os falsos cretinos	143
«O verdadeiro Cristo é Marx!»	147
O translúcido canalha	151
Os intelectuais corajosos	155
O guarda-chuva no municipal	159
Ator em busca de plateia	163
O homem fatal	167
O «velho»	171
Bravos, bravíssimo!	175
Líder da própria namorada	179
Aos beijos e soluços	183
O culto da imaturidade	187
O grande comício	191
O destino de ser traída	195
Ódio ao herói	199
Festa de cabeças cortadas	203
O herói sem risco	207
A bofetada	211
As duas cabeças	215
Caça-níqueis	219
Da linha chinesa	223

Os abnegados	227
Um deserto entre os amigos	231
O bom padre	235
A multidão afrodisíaca	239
A leitora de Marcuse	243
Os idiotas confessos	247
É triste ser Neruda	251
O cafajeste não viaja	256
Os centauros	260
O Hélio e o anti-Hélio	264
A patusca	269
O ex-covarde	274
A grande viúva	279
O deus numerado	284
Garrincha no deserto	289
Os assassinados	294
Silêncio na senzala	299
Psicanálise de grupo	304
O palhares com Eros, Marx e Freud	309
Nudoterapia	314
Aos inteligentíssimos diretores paulistas	319
A inteligência	324
O adeus ao amigo socialista	329
Os que propõem um banho de sangue	334
O artista Augusto Boal	339
Inimiga pessoal da mulher	343
As duas realidades	348
Inteligência invertebrada	352
A antimulher	357



# AGUDA E CRÓNICA

---

POR PEDRO MEXIA

Se não é aguda é crónica, dizia Rubem Braga. Esta definição engenhosa, faceta, não serve bem a Nelson Rodrigues, cronista que deve a sua agudeza a alguns males reincidentes: a nostalgia, o sentimentalismo, o moralismo exasperado. Nelson tornou-se conhecido no Brasil como «o reaccionário» devido aos artigos em que atacava as modas político-intelectuais das décadas de 1960 e 70; mas é justo notar que o seu conservadorismo é, antes de mais, temperamental: uma fidelidade a tempos antigos, à infância, ao Brasil da época do fraque e do espartilho, aos jornais de antigamente, à delicadeza e ao mistério que se perderam com a emancipação dos comportamentos.

As crónicas que Nelson publicou diariamente no jornal carioca *O Globo* tinham como título genérico «Confissões», designação que indicia a raiz extremamente pessoal destas prosas longas, digressivas, que vão e vêm à medida do bater das teclas. O jornalista, dramaturgo e ficcionista considerava-se avesso às ideologias. Tirando um anti-comunismo arreigado, a sua crítica mais feroz tende a concentrar-se na dimensão retórica, mais do que na substância. Exemplos disso são as incansáveis sátiras aos padres progressistas, que olham para o céu apenas para saber se chove; aos intelectuais de passeata, pusilânimes e pantomineiros; às grã-finas marxistas, tão grotescas como as que Tom Wolfe descreveu. Nelson retoma a paródia queirosiana das boas almas

sisudas, indisponíveis para qualquer assunto «quando a Polónia sofre» (agora com o Vietname a fazer de Polónia). Uma multidão de *poseurs* e conformistas, de heróis sem risco.

«A unanimidade é burra», insistiu Nelson Rodrigues. E a esquerda, que nos tempos de Eça «era mais pequena que a torcida do Botafogo», tinha entretanto vencido o combate cultural, de modo que o cronista se sentia o último não-esquerdista à face da terra. E não escondia a sua incomodidade, à imagem da sua úlcera, que é quase uma personagem destas crónicas. Podemos dizer que estes textos se propõem expor ao ridículo o *zeitgeist* de 1960. Alguns desses clichés eram patuscos, inócuos, mas outros sugeriam uma tentação totalitária, como quando alguém se declara da «linha chinesa». Nelson é especialmente hostil à defesa teórica da violência. Recorda por diversas vezes o homicídio do seu irmão Roberto, e o horror total que lhe suscita a morte dos inocentes. É certo que, imbuído da missão de denunciar as esquerdas, parece conivente com as direitas; mas a prisão e tortura do seu filho Nelsinho hão-de fazê-lo compreender a iniquidade da ditadura brasileira.

Nelson era um homem de embirrações e de obsessões. E para o lermos com gosto temos de achar graça a isso, concordemos ou não com o que é dito. As crónicas são contagiantes: queremos mais e mais textos sobre católicos modernações, católicos sem sobrenatural; queremos mais feministas caricaturalmente misóginas e andrófobas; queremos mais Sartre com as suas frases canalhas; queremos as burguesas decotadas citando Marcuse, os encenadores que gostam de espectáculos com fígado de boi em palco, os anti-americanos imbecis «de babar a gravata», o freudismo como doutrina «veterinária». O cronista diz que usa a observação, não a imaginação, mas vemos aqui sem dúvida o génio cómico do exa-

gero e da generalização. É também por isso que aparecem as personagens reincidentes, às vezes exigidas pelos leitores da coluna, como se fossem um elenco de novela: a estudante de Psicologia da PUC, a estagiária desquitada, a amante espiritual de Guevara, ou o Palhares, «que não respeita nem as cunhadas».

É um género de crónica folhetinesca, de um admirador de Alexandre Dumas, capaz de tornar qualquer historieta aventureira ou patética; mas é também o esforço honesto de um jornalista em trabalhos forçados, um «remador de Ben-Hur», todo o dia enchendo a página para pagar «o sapato da mulher e o leite do caçula». Por isso as crónicas são caóticas, muitíssimo repetitivas, assumidamente estilísticas, apostadas em diálogos impagáveis, coloquialismos, provocações, expressões com efeito de assinatura como «os idiotas da objetividade» ou «o mau tempo de quinto ato do *Rigoletto*». E tanto discutem os grandes temas públicos como se detêm em «flores de obsessão»: o umbigo, o tédio sexual, a falsa bonita, ou o marido que não tolera a perfeição física da mulher, num texto que lembra os dramas e contos estridentes do autor.

O nosso homem fatal gostava de se apresentar como um «velho», mas a sua mundividência nasce de uma experiência de infância e de uma ideia de juventude. Da infância, traz Nelson a recordação dickensiana da fome, de ter inveja dos colegas que levavam para a escola sandes de ovo, o que o aproximou dos humilhados e ofendidos e o levou a escrever com empatia sobre os índios e os negros (o texto sobre o desamparado Garrincha é comovedor), bem como a desconfiar da alta burguesia. Mas o que Nelson Rodrigues não suporta mesmo é o Poder Jovem, o grande movimento tectónico dos anos 60. Crónica após crónica, o rezingão indigna-se com o culto da imaturidade, com o estatuto especial que se atribui às opiniões e inclinações dos jovens, apenas por

serem jovens, como se fosse uma casta de Rimbauds. Nelson liga a emergência do Jovem enquanto actor histórico ao triunfo dos idiotas. Mas os idiotas não são os jovens: são os velhos impotentes e condescendentes que os instigam. E os rebeldes sem causa agitam-se em eventos como o Maio de 68, a terceira revolução francesa, e a única que merece aspas.

Divertidas e impacientes, estas crónicas supõem uma visão das pessoas, e do Brasil, e por isso tantas vezes qualificam determinada posição como «anti-Brasil» ou «anti-pessoa». Nelson não renegou a sua fé «envergonhada e relapsa», e acha que sem Deus tudo é permitido; tem saudades de um mundo sofrido mas genuíno, e supostamente sem cinismo; e suspira por alguma decência, gesto paradoxal num dramaturgo que sofreu interdições e acusações de imoralidade. Nesta antologia de 80 textos faltam, é verdade, as vibrantes crónicas futebolísticas, as páginas autobiográficas mais demoradas, as confissões culturais. Mas esta faceta «política» é importante: não tanto pelas ideias «reaccionárias» como pelo impulso reactivo. O cronista está farto de cobardias, quer dar um testemunho diferente, mesmo se os seus amigos, que ele tanto comenta e elogia, se portam como não-amigos, de tal modo as crónicas ofendem o senso-comum ideológico. Sucede que Nelson se vê justamente como um defensor do senso-comum, do «óbvio ululante» que, como a carta roubada de Poe, parece escondido de tão à vista que está.

# O HOMEM FATAL



## PIRÂMIDES E BISCOITOS

---

Antes de falar de João Guimarães Rosa, quero dizer ainda duas palavras sobre o velho Rio. (Em nosso idioma, duas palavras são 200.) O brasileiro cospe menos, diria eu. Quanto às nossas mulheres, nem cospem. Mas, no tempo do fraque e do espartilho, a cidade expectorava muito mais. Lembro-me de antigas bronquites, de tosses longínquas, asma nostálgicas. Nas salas da *belle époque* era obrigatória esta figura ornamental: — a escarradeira de louça, com flores desenhadas em relevo (e pétalas coloridas).

O curioso é que a ficção brasileira da época não tenha notado o detalhe. Não há, em todo Machado, uma vaga e escassa referência, e repito: — a escarradeira não existia para o autor, para os personagens, nem para o décor dos ambientes. Mas, em 1915, quando assassinaram Pinheiro Machado, ou em 1916, quando vim para o Rio, as famílias tinham pigarros, tosses, que as novas gerações não conhecem. Dos meus amigos atuais, o único que costuma tossir é o João Saldanha.

Bem me lembro da primeira vez em que fui ao cinema. 1916. Eu era um garoto de seis anos; e tudo me espantava. Quando apagou a luz, nasceu na treva uma misteriosa e tristíssima fauna de tosses. Depois do filme, saímos, eu e meu irmão Milton. Olhei e vi: — lá estava ela, num canto da sala de espera. Era escarradeira e flor: — subia por um caule fino para se abrir em lírio. Larguei-me

do irmão e fui lá cuspir. Passei a mão na boca e voltei. Vinha feliz, envaidecido, realizado. Ainda me voltei, da porta, para vê-la. Linda, linda, imitando um lírio ou um copo-de-leite.

Também me vejo na calçada da rua Alegre. Os mesmos seis anos. Sou pequenino e cabeçudo como um anão de Velázquez. E me fascinava ir de uma esquina a outra esquina, sempre pelo meio-fio. Eu me equilibrava, no meio-fio, como se este fosse fino e vibrante como um arame. Mas eis o que importa dizer: — fazia esse número acrobático, cuspendo sempre. Também me vejo numa sacada, cuspendo na cabeça dos que passavam.

Bem. Preciso agora explicar que toda essa ternura antiga me veio, outro dia, num boteco. Entrei lá para comprar cigarros e fósforos. Um pau-d'água está resmungando: — «Não gosto de nortista.» Passou os olhos nos presentes e repetiu, num riso encharcado: — «Não gosto de nortista.» E súbito me viu. Vem para mim; disse, cara a cara comigo: — «Eu nasci em casa e com parteira.» Fala com uma vaidade feroz e jucunda. Mas é exatamente o meu caso. Também nasci em casa e com parteira.

E assim o pau-d'água anônimo instalou em mim todo o apelo da *belle époque*. Parto em casa, velório em casa, escarradeira na sala, bronquite das tias — todo esse conjunto de relações era o Rio de Machado de Assis, de Pinheiro Machado, de Rui Barbosa. As famílias usavam as bacias em abundância. Hoje uma simples bacia deflagra em mim todo um movimento regressivo, todo um processo proustiano.

E já me ocorre um incidente parlamentar que ouvi contar na minha infância. Era no velho Senado. Pinheiro Machado está na tribuna. Fala, fala com a nobre insolência gaúcha. Mais adiante está Rui Barbosa, «o maior dos brasileiros vivos». De repente, Pinheiro Machado diz: — «Se eu me manter.» Rui cortou, com triunfante

crueldade: — «Decerto Vossa Excelência quer dizer ‘mantiver’.» A lambada doeu na carne e no brio do caudilho. Vacila ou nem isso; deu a resposta fulminante: — «Vossa Excelência pode-me corrigir; e é bom que o faça. Pois, enquanto Vossa Excelência aprendia a falar certo e bonito, eu matava e morria na Guerra do Paraguai.»

Chego finalmente a João Guimarães Rosa. O curioso é que o nome, por extenso, como num cartão de visitas, soa falso. Guimarães Rosa devia chamar-se apenas, e para sempre, Guimarães Rosa. O João lá não devia estar. Lembro-me de que no sábado, véspera da morte, fui à casa do Hélio Pellegrino. E tivemos uma conversa obsessiva sobre o *Grande sertão* e seu autor. O Hélio deu a ideia: — «Falo com o Callado para promover um almoço com o Guimarães Rosa. Você topa?» Claro, claro. E assim combinamos o almoço com o morto do dia seguinte.

Coisa curiosa. O Hélio Pellegrino é um admirador nato. Quando não há quem admirar, sente-se um frustrado e um vencido. Todavia, o seu juízo final sobre o Guimarães Rosa não era um juízo final, mas um ponto de interrogação. O Hélio não sabia o que pensar, o que dizer. Admitia que o *Grande sertão* fosse um esmagador monumento estilístico. O próprio autor já dissera: — «Faça pirâmide, não faça biscoito.» Pois seu livro era uma pirâmide indubitável. Mas a linguagem rosiana fazia o Hélio sentir uma nostalgia cruel de Graciliano, sim, da seca transparência de Graciliano. Talvez todo Guimarães Rosa fosse uma inútil obra imortal. Juntei as minhas dúvidas às do Hélio. Exagerei as minhas.

No domingo, fiz, como sempre, a Grande Resenha Esportiva da TV Globo. Em seguida, a fome da madrugada levou-me ao Antonio's. Comigo ia o dr. Hilton Gosling. O Guimarães Rosa já estava morto e eu não sabia. Assim como Paris tem seus cafés literários, temos os nossos cafés, bares, restaurantes ideológicos.

O Antonio's é um deles. Lá as nossas esquerdas vão dizer seus palavrões e babar seus pileques. Tomo uma sopa que, aliás, não foi uma sopa — foi uma omelete com presunto de Parma. E ninguém me falou nada. Não houve um pau-d'água ideológico que me cochichasse: — «Olha. Morreu o Guimarães Rosa.»

Saio do Antonio's e venho na carona fraterna do dr. Hílton Gosling. Quando é o João Saldanha que me traz, depois da Grande Resenha, costumo dizer: — «Espera que eu entre. Senão me assaltam.» Também o dr. Hílton esperou, de faróis acesos, que eu abrisse o portão. Grito ao amigo: — «Deus te abençoe.» O que me pergunto é se, por coincidência, pensei no autor de *Sagarana*. Não, não pensei. Minha mulher, Lúcia, só dorme depois que eu chego. Veio abrir a porta dos fundos (aos domingos subo pelo elevador de serviço e entro pela cozinha). Beijo-a, de passagem. Ela já sabe, mas ainda não me diz nada.

Naquele momento, uma coisa não me saía da cabeça — a omelete que comera no Antonio's. Era um veneno para úlcera. Já a caminho de casa, vim pensando: — «Chego e tomo um copo de leite.» O leite acalmaria as danças da úlcera. O antiácido tem sido a minha mais recente fé. Bebi o leite gelado, achei que a omelete estava derrotada e passei para a sala. Foi aí que Lúcia começou: — «Que coisa horrível aconteceu com o Guimarães Rosa!» Eu desfazia o nó da gravata e parei: — «Que foi?» E ela: — «Não sabia? Morreu.» Ainda perguntei: — «Desastre?» Disse: — «Enfarte.»

As más notícias agridem em primeiro lugar a minha úlcera. Sinto os seus arrancos. O copo de leite não ia adiantar nada. Fiz várias exclamações: — «Que coisa! Não é possível!» E só faltei perguntar: — «Morreu como, se estava vivo?» Lúcia foi dormir. Fiquei rodando pela sala. Eu tivera, com a notícia, duas reações: — primeiro, de pusilanidade. O enfarte alheio é uma ameaça

para qualquer um. A nossa saúde cardíaca é um eterno mistério, um eterno suspense. Depois do medo, veio algo pior e mais vil: — uma espécie de satisfação, de euforia. Ninguém me via, só eu me via. Vim para a janela olhar a noite. Cada um de nós tem seu momento de pulha. Naquele instante, eu me senti um límpido, translúcido canalha.

## UMA BANANA COMO MERENDA

---

Eu e o Hélio Pellegrino temos um amigo que é o que se chama um erudito. E o pior é que se trata de um caso recente e diria mesmo de fulminante erudição. A princípio suspeitei de uma deslavada escroqueria intelectual. E aqui começa o mistério que desafia todo o meu raciocínio e toda a minha intuição. Do dia para a noite, o semi-analfabeto aprendeu não sei quantos idiomas.

Já não digo francês, que todos falam, menos eu. Não. O rapaz declamava Goethe em puríssimo alemão. E, certa noite, passei pelo seu quarto, na praça Onze (ele mora no alto, junto à clara-boia, como no tempo de Paulo de Koch). Entro e o surpreendo, no meio de três ou quatro, em pé, recitando o «Padre Nosso» em grego. Saí dali e fui ligar para o Hélio Pellegrino. Disse-lhe, sinceramente esmagado: — «Hélio, nós somos dois analfabetos!»

Eu e o Hélio, cada vez mais inferiorizados, temos seguido, pelos jornais, a carreira de tão vasta e súbita erudição. E eu fico a resmungar, na irritação da minha impotência: «Como sabe! Como lê! Como cita!» Até que, de repente, baixou-me uma luz e descobri toda a fragilidade daquela monstruosa estrutura. Aquilo era uma catedral de pauzinhos de fósforos, sim, um gótico de palitos.

Certa manhã, fui para a máquina e bati minha primeira carta anônima. Se bem me lembro, dizia mais ou menos o seguinte: — «Leia pouco, pelo amor de Deus, leia pouco!» E assim, nesse tom

de salubérrimo descaró, fui dizendo tudo. Aconselhei-o a voltar ao Dumas pai, a Ponson Du Terrail, a Michel Zevaco, Sue e outros folhetinistas de boa cepa. Acabei a carta, enfiei-a no envelope e tive a desfaçatez de mandá-la registrada.

Agora, a revelação: — em que pese ao evidente traço caricatural, não estou longe de pensar assim. Por tudo que sei da vida, dos homens, deve-se ler pouco e reler muito. A arte da leitura é a da releitura. Há uns poucos livros totais, uns três ou quatro, que nos salvam ou que nos perdem. É preciso relê-los, sempre e sempre, com obtusa pertinácia. E, no entanto, o leitor se desgasta, se esvai, em milhares de livros mais áridos do que três desertos.

Certa vez, um erudito resolveu fazer ironia comigo: perguntou-me: «O que é que você leu?» Respondi: «Dostoiévski.» Ele queria me atirar na cara os seus 40 mil volumes. Insistiu: «Que mais?» E eu: «Dostoiévski.» Teimou: «Só?» Repeti: «Dostoiévski.» O sujeito, aturdido pelos seus 40 mil volumes, não entendeu nada. Mas eis o que eu queria dizer: pode-se viver para um único livro de Dostoiévski. Ou uma única peça de Shakespeare. Ou um único poema não sei de quem. O mesmo livro é um na véspera e outro no dia seguinte. Pode haver um tédio na primeira leitura. Nada, porém, mais denso, mais fascinante, mais novo, mais abismal do que a releitura.

(Divaguei demais e desculpem.) De Dostoiévski passo à minha infância. Há bastante de Dostoiévski, bastante de Dickens, na rua Alegre, em Aldeia Campista. Não será a pura semelhança episódica. Não. É uma semelhança, digamos assim, de atmosfera. Sinto que parte de minha infância está inserida, difusa, volatilizada em certas páginas ou de Dickens ou Dostoiévski. Por exemplo: — eu poderia fazer, com minha passagem pela escola pública, uma antologia de humilhações. (Está comigo, enterrado em mim, um perene menino humilhado.)

# **O HOMEM FATAL**

foi composto em caracteres Hoefler Text e Commerce Black, e impresso na Guide, Artes Gráficas, em papel Coral Book de 80 gramas, em Agosto de 2016.